

Depoimentos

Presença

Sônia Bastos Borba Costa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, SBB. Presença. In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 329-336. ISBN 978-85-232-1185-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Presença

Ser e estar, contingência e escolha.

Corria o ano de 1968. Eu havia entrado no curso de Letras em 1967, motivada pelo meu gosto e aptidão por aprendizagem de línguas estrangeiras, sobretudo pelo francês. Jamais esquecerei o que costumo chamar meu batismo de fogo nos estudos linguísticos, um processo, não um momento, iniciado na primeira aula do curso, que assisti, numa segunda-feira, às 13 horas, na saudosa sala 12, bela sala em estilo colonial, de piso de madeira, ladeada por amplas e belas janelas (seis, se não me engano) do prédio do bairro de Nazaré, onde funcionava o Instituto de Letras da UFBA. A aula era de Linguística, a professora era Joselice Macedo e ela falou da Linguística moderna, de Saussure, da primazia da modalidade falada da língua (ai de nós se, naquela época, falássemos em “língua falada”), significante e significado, sincronia e diacronia... Fiquei maravilhada e ousei perguntar, na minha ignorância surpreendida: “Professora, desde quando se estuda língua deste jeito?”.

Estudar línguas daquele jeito, eis minha descoberta maravilhada. Sobre-tudo, estudar a língua materna daquele jeito! Até então, estudar língua portuguesa tinha sido aprender e treinar regras morfossintáticas (muitas vezes a partir de exemplos em versos do século XVI — Camões, de preferência), ampliar o vocabulário (principalmente pela aquisição de vocabulário erudito) e, o que mais até então me agradava, conhecer os autores clássicos.

Carlota Ferreira, a professora de Língua Portuguesa, falava também daquele “jeito”: falava da diversidade que caracteriza todas as línguas, dos pressupostos da Teoria da Comunicação (Marshall McLuhan, Umberto Eco, Décio Pignatari), tudo novo e muito interessante, principalmente a tomada de consciência da diversidade linguística como riqueza, pois o que os meus professores me apresentavam legitimava, analisava e atribuía estatuto de coerência e perfeita funcionalidade a usos que a minha formação anterior, com base na gramática e léxico tradicionais, nem podia supor dignos de tratamento respeitoso. E eu seguia, encantada.

Não posso deixar de registrar também minha surpresa com as aulas de Teoria da Literatura: Judith Grossmann, nossa professora, introduzira no Instituto de Letras da UFBA, no ano anterior, esse viés no estudo da literatura, que, para muito além da abordagem pretensamente enciclopédica que nos impingiam no ensino secundário (como se denominava naquela época), nos tornava conscientes da riqueza subjetiva dos autores, da delicada seleção autoral de termos e formas, da gama de temas, dos mais aos menos explorados, da sutileza das vozes autorais masculinas e femininas... Tudo isso era de fato arrebatador, mas o batismo de fogo na Linguística ecoou mais forte no meu espírito.

Como dizia, corria o ano de 1968, e a minha professora, naquele então, foi Jacyra Andrade Mota. Coube a ela demonstrar, para a minha compreensão neófito, o rigor através do qual se poderia submeter as línguas a análise para alcançar aquele resultado maravilhoso. O tema principal do curso era o sistema fonológico do português e lá íamos nós, alguns respeitosos e interessados, outros um tanto irritados com aquele rigor, aquela exigência de abstração e de detalhes: os conceitos estruturalistas de oposição e variação; o conceito de fonema; a precisão na descrição dos alofones, o aprendizado dos símbolos fonéticos, os fatores, sobretudo intralinguísticos, responsáveis pela variação, o inescapável treino paciente nos meandros das diversas análises: segmentar elementos, identificá-los, reagrupá-los, aguçar a percepção de cada qual no todo e vice-versa. Com Jacyra aprendi, além do sistema fonológico do português, a ouvir com atenção a fala dos outros e a minha própria e aprendi também que questionar é, sim, essencial, mas com rigor na fundamentação; reforcei, também, a compreensão de que uma das formas de exercitar a inteligência é estabelecer o maior número de relações possíveis entre elementos dados.

Minha admiração pela ordem não autoritária, mas natural, ficou impressionada com a descoberta do elegante equilíbrio do sistema fonológico — todos os arroubos da criatividade languageira, como diria Houaiss, propiciados por uma notável economia de meios, estruturados com uma admirável coesão.

As aulas de Jacyra eram reforçadas pelas aulas de Claiz Passos, minha professora de Linguística, que nos fazia segmentar elementos fônicos e mórficos de línguas diversas, demonstrando-nos, a cada passo, a estrutura subjacente aos sistemas linguísticos, aquele mundo de regras que os falantes internalizam

naturalmente e que lhes permite a criatividade inesgotável, a possibilidade de desenvolver sua subjetividade e sua interação social.

O encanto prosseguiu no ano seguinte (as disciplinas eram anuais), quando fui aluna de Nelson Rossi, já um mito, o homem que, na década anterior, escolhido por Edgar Santos — o “pai” da Universidade Federal da Bahia —, iniciara a produção de atlas linguísticos no Brasil, pondo a Bahia à frente, e que estava em fase de preparação para vir a introduzir o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC) no Brasil, na década a seguir. Acompanhar o curso de Nelson Rossi era desenvolver o respeito à diversidade, o rigor analítico, a precisão terminológica, o indispensável desvelamento do passado da língua e a constatação da sua permanência ou alteração: mundos que se abriam. No último ano, com Nadja Andrade, já sob nova estruturação curricular, com disciplinas semestrais, a abordagem de textos dos gramáticos portugueses do século XVI, e, no último semestre, um trabalho de final de curso que nos consumiu, mas que fizemos com grande prazer, analisando a fala gravada de informantes de várias regiões brasileiras.

Terminada a graduação, guardava dos meus professores de Língua Portuguesa e de Linguística lições fundamentais de escuta e análise, que internalizei a ponto de nem sempre conseguir distinguir quando, onde e de qual autor absorvi isso ou aquilo e das quais às vezes lastimo não ter tão boa memória para me lembrar de detalhes que, com certeza, perdi no tempo. Guardei também a admiração por aqueles professores que primavam pelo recebimento respeitoso e afável dedicado a qualquer estudante que os procurasse, que só corrigiam os trabalhos discretamente, a lápis, para não “ferir” o texto (e os sentimentos) dos seus estudantes.

Terminei o curso de graduação em dezembro de 1970 e, de lá para cá, muitas aulas assistidas, muitas aulas ministradas, muitos estudos ouvidos e lidos, continuo intrigada e, afortunadamente, a curiosidade continua se rendendo ao encanto.

A partir de 1980, passei a ter a honra de ser colega daqueles que me ensinaram, de Jacyra inclusive. Ainda era apenas uma licenciada, precisava fazer a pós-graduação (eram outros os tempos...). Aí começamos um convívio de trocas, que sempre me alimentaram e me permitiram ter a sensação de também alimentar: reuniões do Setor de Língua Portuguesa, discussão de conteúdos

programáticos, preparo de aulas em conjunto, troca de comentários sobre livros, sobre congressos, sobre estudantes... Lembro-me, com absoluta gratidão, da solicitude com que os colegas se dispunham a tirar minhas dúvidas sobre assuntos de aula que ministraria. Jacyra por certo não se lembrará, mas uma tarde ela atendeu a um pedido quase desesperado meu, formulado por telefone, durante a leitura de um texto que me parecia obscuro e que eu teria de discutir com os estudantes na aula das 16 horas. Jacyra se dispôs a sentar-se comigo às 14 horas, certamente interrompendo suas muitas ocupações, para discutir o texto com aquela professora neófito e tensa... Essa disponibilidade sempre esteve presente nos cursos seguintes que ministrei, de Fonologia e Morfologia, em que preparávamos as aulas juntas (Jacyra, Vera Rollemberg e eu).

No percurso desses anos e muitas vezes por solicitação dos estudantes, mas também por decisões nossas e dos Colegiados de Curso, o Setor de Língua Portuguesa tem passado por muitas reformulações. Todo esse labor tem sido sempre dirigido pelo fito de fazer do aluno um receptor e, sobretudo, um produtor informado, atento, criativo e respeitador das várias normas linguísticas, como não poderia deixar de ser, considerando-se a tradição de pesquisa dialetológica e diacrônica que identifica o grupo. E Jacyra, incansável, com seu jeito discreto, está sempre lá, desde o início, ensinando, orientando e garantindo a continuidade do trabalho com a diversidade linguística na UFBA.

Pelo que me tem sido dado perceber, a linha de atuação do Setor de Língua Portuguesa tem produzido nos estudantes da graduação, ao longo dos últimos 40 anos, reações que vão da aceitação entusiasta da nossa postura, em relação ao respeito e estudo responsável da diversidade linguística, entusiasmo que se reflete, por exemplo, no grande número de bolsistas-pesquisadores que atrai, até a resistência mais empedernida, consistente, sobretudo, na dificuldade de aceitação das diversas normas de fala como manifestações legítimas da língua portuguesa, estritamente equânimes quanto ao seu valor linguístico intrínseco. Em grande parte, essa resistência se deve, parece-me, tanto a uma certa recusa a questionamentos, quanto ao desejo legítimo do estudante de dominar a norma-padrão, elemento tão marcante de prestígio social.

Com essas características, nos últimos 40 anos e em fases diversas, os professores do Setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFBA vêm tentando repartir descobertas e perplexidades, na esperança de quebrar a surdez

para a diversidade e explodir a mudez do usuário criador acuado sob a tirania da norma-padrão, entaves decorrentes do arraigado preconceito em relação às diversas possibilidades de manifestação de um sistema que as permite e as legítima.

Temos sido muitos, embora não tantos quanto a demanda pelo nosso curso requer. Numa homenagem a Jacyra, relembro aqui todos aqueles com quem ela veio e vem compartilhando sua atuação docente: Nelson Rossi, Nadja Andrade, Carlota Ferreira, Vera Rollemberg, Suzana Alice Cardoso, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Maria da Conceição Paranhos, Evandro Ubiratan de Souza, Myrian Barbosa da Silva, Maria del Rosário Albán, Iracema Luiza de Souza, Maria Célia Nobre, Maria Eline Mendes, Raquel Salek Fiad, Sônia Borba Costa, Elizabeth Teixeira, Therezinha Maria Barreto, Maria do Socorro Sepúlveda Netto, Dante Lucchesi, Tânia Lobo, América Lúcia César, Carola Rapp, Anna Maria Nolasco de Macedo, Silvana Ribeiro, Américo Machado Filho, Juliana Soledade, Edleise Mendes, Antônio Marcos Pereira, Aurelina Ariadne Almeida, Cláudia Tereza Sobrinho da Silva, Edivalda Alves Araújo, Iraneide Santos Costa, José Henrique Santos, Marcela Paim, Maria do Carmo Pascoli, Nancy Rita Vieira, Elmo dos Santos, Simone Bueno da Silva, Milena Britto e muitos professores substitutos.

No âmbito da pesquisa, Jacyra, fiel à Dialetologia, à Fonologia e abraçando também os pressupostos sociolinguísticos, participou, com o destaque que todo o Brasil linguístico conhece, da elaboração do *Atlas linguístico de Sergipe*, do Projeto NURC e agora está, desde 1996, sempre ao lado da colega-irmã Suzana Cardoso, engajada nesse trabalho hercúleo que é a constituição do Atlas Linguístico do Brasil. Seu trabalho de orientadora é altamente relevante: detém a marca admirável de 41 orientações de Iniciação Científica concluídas (aliás, ela foi a primeira orientadora de bolsistas IC no Instituto de Letras, integrando a primeira turma de bolsistas IC na UFBA, tendo como orientandos os futuros colegas Tânia Lobo, Dante Lucchesi e Carola Rapp), além de outras quatro em andamento; 14 orientações de Mestrado concluídas, cinco de Mestrado/Doutorado em andamento e seis orientações de outra natureza, como testemunho patente de toda sua experiência. Tem 24 artigos publicados em periódicos especializados; 28 capítulos de livros e 17 livros escritos e/ou organizados. E, enquanto docente, tem tido a gratificação de ver ex-alunos e ex-orientandos ingressarem no Setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFBA, para continuar

recebendo, a par de todos os ensinamentos dos demais colegas, é certo, os seus ensinamentos, as suas orientações. Sim, porque Jacyra, no Setor de Língua Portuguesa, não tem sido apenas a detentora de saber linguístico invejável; é também uma conselheira certa em questões acadêmicas de um modo geral, um porto seguro, mercê de sua admirável objetividade, serenidade, percuciência, justiça nos julgamentos e desenvolvida compreensão do ser humano. Além disso, Jacyra tem a elegância de trato que lhe permite a sinceridade aliada a um absoluto respeito pelos sentimentos alheios.

Não escolhi, como Jacyra, a Fonologia para a “minha praia” acadêmica. Durante o Mestrado, como ela sabe, orientada por Rosa Virgínia Mattos e Silva, trabalhei com morfossintaxe sincrônica e depois, no Doutorado, dei uma guinada para a morfossintaxe diacrônica, trabalhando sobretudo com a Teoria da Gramaticalização, também sob a orientação de Rosa Virgínia. Mas os meus professores da graduação, incluindo, é claro, a minha professora do sistema fonológico do português, construíram as fundações, sobre as quais os demais professores, durante o Mestrado e o Doutorado, assentaram paredes que me sustentam e me permitem continuar aprendendo e questionando, sem esquecer o rigor na fundamentação teórica e a argúcia na observação, com que me presentearam enquanto estudante. Como aprendi com os meus professores, continuo acreditando que conseguir estabelecer relações entre elementos dados é um exercício de inteligência, o que se aplica também ao estabelecimento de relações entre teorias linguísticas, que às vezes muitos alegam ser inconciliáveis. Não vejo assim: acredito, sim, que teorias científicas surgem da crise de teorias anteriores que, enquanto propiciam instrumentos para a compreensão de uma gama de fenômenos, vão, em decorrência de recortes inescapáveis, “coleccionando” uma *marginalia* que as levará, essas também, à crise. Uma nova teoria tratará, provavelmente, de alguns desses elementos, mas dificilmente poderá prescindir de contribuições que a teoria anterior agregou. Assim, Estruturalismo, Gerativismo, Sociolinguística, Funcionalismo, para ficar naquelas que mais nos ocuparam nos últimos 40 anos, são para mim degraus na construção de acesso a um patamar de cada vez maior clareza quanto aos fenômenos manifestos.

Com base nessa compreensão de teorias científicas em geral e como uma espécie de retribuição, de retorno, por tudo o que Jacyra me legou, tanto no

curso de graduação, quanto durante todo o nosso convívio, gostaria de trazer reflexões que minha trajetória acadêmica me tem propiciado.

Um dos pressupostos da Teoria da Gramaticalização prevê que a gramática de uma língua, a par dos limitantes biologicamente dados, venha se construindo, pelo menos enquanto forma, paulatinamente, através da fixação de elementos que usos discursivos venham demonstrando ser comunicativamente eficazes e, por isso, reiterados e finalmente integrados ao sistema gramatical. Isso pressupõe que, em muitos casos, rica diversidade de construções discursivas vá se organizando internamente, selecionando algumas formas em detrimento de outras, e se fixando a partir de, geralmente, uma das formas, a “ganhadora” na competição da mudança linguística, concepção, aliás, que se coaduna, perfeitamente, com pressupostos da Sociolinguística. Grosseiramente, é o que Lehmann (1982)¹ denomina paradigmaticização, que leva as formas linguísticas, antes concorrentes em leque de variação, a se fixarem, integrando a gramática da língua ou, se preferirmos, o núcleo duro da gramática da língua, que alguns identificam como a sua sintaxe. Isso pressupõe que, quanto mais o elemento se fixa e passa a integrar um paradigma, mais ele elimina concorrentes, mais ele se torna “gramatical”. Quando o elemento é selecionado pelo processo de mudança, ele tende a integrar paradigmas cada vez menores, considerando Lehmann que a grande variabilidade pressupõe gramática frouxa, ainda não fixada.

Esse modo de compreender a mudança, também tratado por Hopper (1991)² a partir do que chama os princípios de “estratificação” (*layering*), pelo qual se reconhece o leque de variantes, e de “especialização” (*specialization*), pelo qual formas são selecionadas como preferenciais ou até exclusivas para determinada função, me provoca a seguinte reflexão: considerando, a partir de pressupostos estruturalistas, que os elementos linguísticos, quando atingem o grau máximo de oposicionalidade, com alto rendimento funcional, se fortalecem e se fixam, tenho me perguntado como encarar, a partir dos pressupostos funcionalistas da Teoria da Gramaticalização, esse *enxugamento*, evidenciado pelos pares opositivos detectados pelo Estruturalismo. A oposição binária poderia ser vista como um estágio de máxima integração na gramática?

¹ LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. Arbeiten des Kölmer Universalien - Projekts 48. Cologne: Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft, 1982.

² HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approches to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Dito de outra forma: o sistema sincrônico poderia ser visto como o ponto de enjugamento a que, referindo Hopper, o princípio da especialização levou o quadro variável da estratificação? E o princípio da especialização atuaria devido ao fato, que parece patente, de que os falantes não aceitam facilmente que duas expressões signifiquem exatamente a mesma coisa e têm tendência a atribuir-lhes significados diferentes (ainda que sociais)?

Não sei se minha reflexão realmente se sustenta, ainda não lhe dediquei o tanto necessário. Só a apresentei aqui como um tributo aos meus mestres, dentre eles Jacyra, que me ensinaram a refletir e buscar conexões entre dados e reflexões já formuladas.

Para finalizar, lembro um episódio de minha vida acadêmica que se coaduna com os meus sentimentos enquanto escrevo este texto. Ao final da tese de Doutorado, sob aquela pressão e exaustão que todos os que já passaram por isso bem conhecem, quando redigia a parte relativa aos agradecimentos, de repente, tive uma iluminação, que me veio em forma de assertiva: *a gratidão é um estado de bem-aventurança*. Pois bem, querida mestra Jacyra, sinto-me muito reconhecida a você, também por me proporcionar esse estado de bem-aventurança.

Sônia Bastos Borba Costa
Universidade Federal da Bahia